

RELATÓRIO DO RESTAURO DO ÓRGÃO HISTÓRICO ANTÓNIO JOSÉ DOS SANTOS (1874) DA IGREJA DE RIBEIRÃO, VILA NOVA DE FAMALICÃO

1 – INTRODUÇÃO

O presente relatório foi integralmente por mim escrito, enquanto investigador pós-doutoral de Fundação para a Ciência e a Tecnologia integrado ao Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical / Faculdade de Ciências Sociais e Humanas / Universidade NOVA de Lisboa, especializado na organologia do órgão ibérico a partir de um doutoramento pela Universidade Paris IV – Sorbonne e mestre em interpretação da Música Antiga / Órgão Histórico pela Escola Superior de Música de Catalunya / Universitat Autònoma de Barcelona; sempre na qualidade de consultor científico do restauro do órgão histórico António José dos Santos da Igreja Matriz de Ribeirão, cujo processo, realizado entre os meses de Abril e Outubro de 2016 tive o privilégio de acompanhar na sua totalidade.

O presente restauro foi executado pela empresa famalicense JMS Organaria. A equipa de restauro, coordenada pelo organeiro Joaquim Manuel Silva, foi formada pelos organeiros Klaus Jurgen Fischer (intonação geral), Josef Kreuz (restauro das mecânicas de notas e registos), Joaquim Silva (restauro e construção de tubos labiais e ressoadores das palhetas), Celeste Silva (construção de tubos de palhetas e restauro do someiro), para além da colaboração de empresas altamente especializadas no campo da organaria sediadas no mesmo concelho: Bom Organum (restauro da caixa, construção do fole, caixa do motor e tubos de madeirs) e JF Organpipes (construção dos tubos labiais de fachada).

Este relatório tem por objetivo primaz clarificar a filosofia de restauro empregada, bem como documentar o respetivo processo e as conseqüentes decisões que foram sendo tomadas no decurso do mesmo face às problemáticas que dele emergiram, como é natural e inerente a qualquer procedimento congénere, fruto da reflexão e discussão especializada acerca das ações mais idóneas a implementar em cada caso específico. A linha de restauro adotada foi o “restauro crítico”, pautado pelo absoluto e rigoroso respeito para com a fatura instrumental original de António José dos Santos (cuja recuperação era, no presente caso, perfeitamente possível), através da conservação da maior quantidade possível do material histórico original remanescente, do estudo filológico-documental, da análise pormenorizada da fonte organológica em si, assim como de outros instrumentos coevos

saídos das mãos do mesmo construtor, da substituição das peças acrescentadas em posteriores intervenções incompatíveis com a conceção original do instrumento por cópias fidedignas reconstruídas segundo os traços originais encontrados no mesmo ou replicadas com base noutros instrumentos coetâneos temporal e estilisticamente, pela reconstrução do diapasão e pressão de ar originais e implantação de um sistema de afinação que viesse a permitir uma adequada execução do repertório de tecla histórica – com ênfase na música portuguesa e ibérica – passível de ser executado em interpretações historicamente informadas ao instrumento, o qual em nada inviabiliza ou se opõe à sua plena inserção enquanto instrumento de apoio e enriquecimento da liturgia contemporânea. Todas as intervenções realizadas pautaram-se por um critério de total reversibilidade e todo o material alheio à conceção organeira original de António José dos Santos – independentemente do seu valor histórico intrínseco – substituído no presente restauro foi cuidadosamente preservado e arrecadado na paróquia de Ribeirão como testemunho das vicissitudes a que o órgão foi submetido no transcurso do tempo, contribuindo-se, desta forma, também, à documentação física da sua própria intrahistória.

De acordo com a filosofia de restauro assumida à partida pela equipa de restauro, buscou-se, sobretudo, resgatar a memória do instrumento, consolidá-la conceitual e fisicamente para assim projetá-la às futuras gerações e não se permitiu, em nenhuma instância, que nenhuma imposição exterior de carácter subjetivo ou mesmo fruto de gostos pessoais atuais e, portanto, transitórios – inclusivamente certas adaptações que visassem supostamente “facilitar” o uso do instrumento no presente –, que ferisse a essência ou comprometesse a estética do instrumento original, se impusesse ao pleno restabelecimento do plano sonoro e organismo instrumental concebidos há já quase um século e meio por António José dos Santos. Desta forma, o instrumento, reintegrado à vida paroquial e cultural da Vila de Ribeirão, recuperou a sua feição original, a sua respiração e ritmo naturais, o seu mecanismo, o seu corpo canoro, voltando a constituir um eloquente testemunho da arte de um organeiro que, embora bastante negligenciado pela historiografia do órgão em Portugal, foi de facto uma figura de proa no contexto da evolução da organaria no Norte do país após as guerras liberais e que teve o valor de dar continuidade a uma maneira de conceber e utilizar o órgão tipicamente portuguesa, num período em que já se evidenciava maioritariamente o ocaso desta arte ímpar na sua idiossincrasia que tão bem se distingue do contexto mais tendente à uniformidade característico da organaria internacional do período.

A partir desta breve preleção, passo a referir as principais linhas que caracterizaram o restauro crítico do órgão histórico de Ribeirão, guiando-me sempre por uma abordagem de cariz sistémico no que tange aos elementos conformadores do organismo instrumental, abundantemente ilustrada, em prol de uma visualização e compreensão mais ágeis de um processo complexo e por vezes de difícil assimilação teórica. Só me resta desejar que o presente relatório venha a constituir um testemunho válido no sempre delicado domínio do restauro de órgãos históricos e que não deixe lugar à dúvida enquanto às decisões adotadas pela equipa de restauro face aos desafios que se lhe foram paulatinamente perfilando. Importa ressaltar que tais decisões sempre foram impulsadas pela boa fé e pela inabalável vontade de restituir da melhor forma possível a arte organeira de António José dos Santos, que foi quem, ao fim e ao cabo, acabou por guiar este rico processo de aprendizagem coletiva de uma equipa que, muito para além de impor preceitos estanques previamente adquiridos em outros contextos, procurou, isto sim, ouvir o que próprio instrumento tinha a dizer, permitindo-se, humildemente, recuperar o que lhe era revelado a cada nova descoberta. Para finalizar, felicito vivamente a todos os que, na medida das suas possibilidades, contribuíram à revitalização do órgão histórico de Ribeirão, em especial, ao Monsenhor Manuel Joaquim Fernandes, principal impulsor desta relevante iniciativa.

Marco Brescia,

Água Longa, Santo Tirso, 24 de Janeiro de 2017

2 – RESTAURO

2.1 – CAIXA



Figura 1 – Desmontagem do órgão, anteriormente implantado sobre o coro alto da Igreja Matriz de Ribeirão.



Figura 2 – Construção de uma estrutura de consolidação e vedação da parte superior posterior da caixa do órgão.



Figura 3 – Consolidação e recomposição dos elementos de talha que decoram a parte superior da caixa do órgão.



Figura 4 – Comprometimento de determinadas partes da caixa do órgão devido à ação de insetos xilófagos.

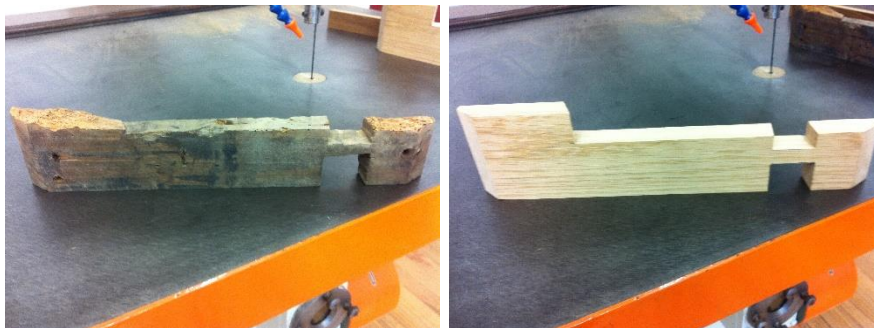


Figura 5 – Exemplo de reconstrução de partes da caixa do órgão seriamente comprometidas, sempre com madeira da mesma qualidade.



Figura 6 – Exemplo de reconstrução de partes da caixa do órgão seriamente comprometidas, sempre com madeira da mesma qualidade.



Figura 7 – Exemplo de reconstrução de partes da caixa do órgão seriamente comprometidas, sempre com madeira da mesma qualidade.



Figura 8 – Exemplo de reconstrução de partes da caixa do órgão seriamente comprometidas, sempre com madeira da mesma qualidade.



Figura 9 – Exemplo de reconstrução de partes da caixa do órgão seriamente comprometidas, sempre com madeira da mesma qualidade.



Figura 10 – Parte inferior da caixa do órgão durante o processo de restauro, onde se aprecia a incorporação de uma nova estante, banco, sistema de alimentação de ar e respetiva alavanca ao instrumento.



Figura 11 – Douração dos frisos e elementos de talha e aspeto final da caixa do órgão completamente restaurada e replantada ao lado do altar-mor da igreja.

2.2 – ORGANISMO INSTRUMENTAL

2.2.1 – SISTEMA DE ALIMENTAÇÃO DE AR



Figura 12 – Sistema de alimentação de ar que se encontrava no instrumento (fole paralelo ou de lanterna), proveniente de intervenção realizada já no século XX.



Figura 13 – Sistema de alimentação de ar que se encontrava no instrumento (fole paralelo ou de lanterna), proveniente de intervenção realizada já no século XX.



Figura 14 – Novo sistema de alimentação de ar construído no presente restauro (fole de cunha), de acordo com os traços encontrados na caixa do instrumento, congénere ao sistema de alimentação de ar existente no órgão construído

por António José dos Santos na Paróquia de Paranhos, Porto (1882). Foi incorporada ao mesmo uma caixa de madeira acusticamente isolada contendo o motor da marca Laukhuff, embora exista igualmente a possibilidade de funcionamento do fole por tração manual, como na origem.



Figura 15 – Motor Laukhuff que passou a integrar o novo sistema de alimentação de ar do instrumento e respetivas especificações.

2.2.2 – SOMEIRO



Figura 16 – Restauro do someiro; remoção das antigas peles que o forravam, já secas e que, portanto, comprometiam seriamente a desejável estanqueidade do mesmo.



Figura 17 – Restauro do someiro; fabricação das novas tetinas da arca de ventos



Figura 18 – Restauro do someiro, colocação de peles novas na arca de ventos e reabertura dos canais das notas.

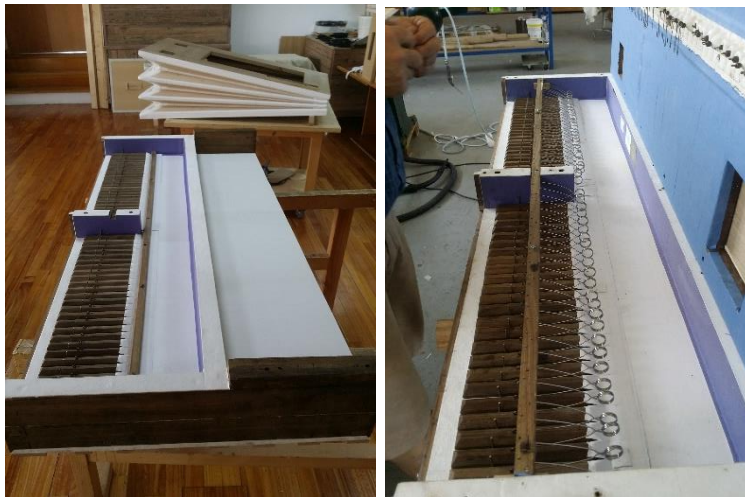


Figura 19 – Restauro do someiro; recolocação das válvulas na arca de ventos e novas molas correspondentes às mesmas.



Figura 20 – Arca de ventos e someiro restaurado.



Figura 21 – À esquerda, tabuão originalmente correspondente (Rabecão) – registo de palheta de mão esquerda desaparecido no instrumento de Ribeirão e que deu lugar à composição, no presente restauro, de um Fagote, cópia fidedigna do registo existente no já mencionado órgão António José dos Santos de Paranhos, devido à inexistência de outro registo de Rabecão construído pelo organeiro conhecido –; à direita, tabuão localizado na parte posterior do someiro. No caso da inscrição “R.^{cao}”, único vestígio da existência deste registo originalmente no órgão de Ribeirão, a mesma encontra-se gravada na madeira do correspondente tabuão.



Figura 22 – Tabuão correspondente ao registo de Clarim disposto horizontalmente na fachada do órgão.



Figura 23 – À esq., tabuões do órgão de Ribeirão completamente restaurados; à dir., recolocação dos tabuões sobre o someiro do instrumento.

2.2.3 – MECÂNICA DE REGISTOS



Figura 24 – Mecânica de registos antes do restauro.



Figura 25 – Mecânica correspondente aos anuladores de cheios após o restauro.



Figura 26 – Remontagem da mecânica de registros devidamente restaurada.

2.2.4 – MECÂNICA DE NOTAS



Figura 27 – Mecânica de notas antes do restauro.

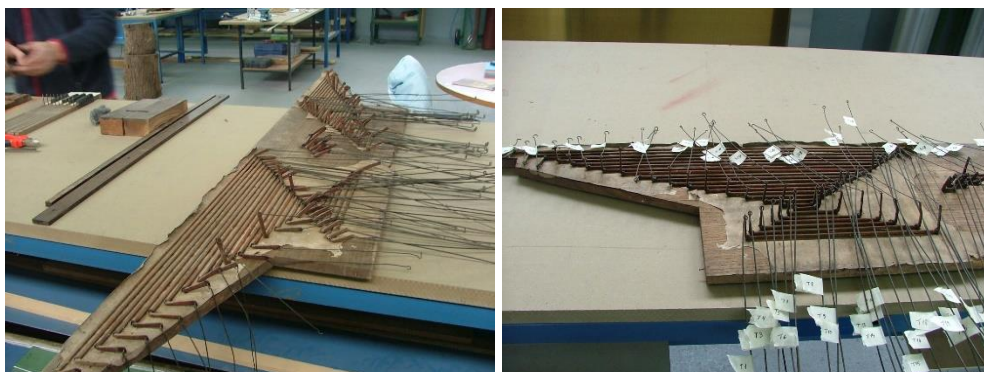


Figura 28 – Abreviação do órgão antes do restauro e identificação das varetas e molinetes correspondentes a cada uma das teclas que compõem o teclado manual do instrumento.



Figura 29 – Bastidor e teclado manual do instrumento antes do restauro, cujas guias originais clarificaram que as respectivas teclas foram aumentadas em comprimento e recobertas por matéria plástica numa intervenção realizada no séc. XX.



Figura 30 – À esq., novo teclado manual construído em buxo para o instrumento com base nos traços originais encontrados no respetivo bastidor e de acordo com teclados de outros instrumentos coevos e esteticamente congéneres ao órgão de Ribeirão; à dir., remontagem da mecânica de notas do instrumento devidamente restaurada, com as novas varetas em latão.

2.3 – TUBARIA

2.3.1 – COMPOSIÇÃO DO ÓRGÃO



Figura 31 – Novas etiquetas em buxo que revelam o plano sonoro original do órgão restituído no presente restauro: Mão esquerda – Flautado de 6 tapado, Fagote (cópia fidedigna do Fagote existente no supra-mencionado órgão de Paranhos, substituindo o Rabecão original desaparecido e do qual não restava nenhum vestígio no instrumento para além da inscrição “R.^{cao}” gravada na madeira do respectivo tabuão), Oitava real, Quinzena, Cheio de 3 fileiras, Címbala de 3 fileiras, Dezanovena – e Mão direita – Flautado de 6 tapado, Oitava real, Flautado de 6 aberto, Quinzena, Dezanovena e 22.^a, Cheio de 4 fileiras, Clarim. Todos os tubos da fachada (Oitava real, mão esquerda), que anteriormente eram de zinco, provenientes de uma intervenção realizada no séc. XX, foram reconstituídos a partir das medidas e liga metálica de António José dos Santos, tomadas a partir de alguns tubos originais que se conservavam na igreja e cujo restauro não era viável. Para além disto, foram construídos o já mencionado registo de Fagote (que substituiu um registo de Flautado de 6 tapado, proveniente de uma intervenção do séc. XX, que ocupava o tabuão original do supramencionado registo de Rabecão), a Oitava real de mão direita, em substituição de um registo de fabricação alemã acrescentado no séc. XX, todo o registo de Clarim (com base nos tubos originais existentes mas num estado de deterioração que inviabilizava o seu bom uso musical) e seis tubos do Flautado tapado de mão esquerda, construídos, segundo os originais, em madeira de castanho, em substituição dos anteriores tubos em pinho e seriamente comprometidos pela infestação de insetos xilófagos. Todo o material que não foi reintegrado ao instrumento após o restauro foi conservado na igreja como testemunho das intervenções realizadas no instrumento.

2.3.2 – TUBOS LABIAIS DE FACHADA



Figura 32 – Órgão antes do restauro sobre o qual se veem os tubos da entonação em zinco, provenientes de uma intervenção realizada no séc. XX.



Figura 33 – Novos tubos da entonação do instrumento (Oitava real de mão esquerda) construído segundo a fatura original de António José dos Santos.



Figura 34 – Novos tubos da entonação do instrumento (Oitava real de mão esquerda) construído segundo a fatura original de António José dos Santos.

2.3.3– TUBOS LABIAIS INTERIORES



Figura 35 – Tubaria interior do instrumento antes do restauro.

2.3.3.1 – TUBOS DE METAL



Figura 36 – Armazenamento e restauro dos tubos labiais de metal.



Figura 37 – Restauro dos tubos labiais de metal.



Figura 38 – Restauro dos tubos labiais de metal.



Figura 39 – Restauro dos tubos labiais de metal.



Figura 40 – Montagem dos tubos de metal devidamente restaurados sobre o someiro.

2.3.3.2 – TUBOS DE MADEIRA

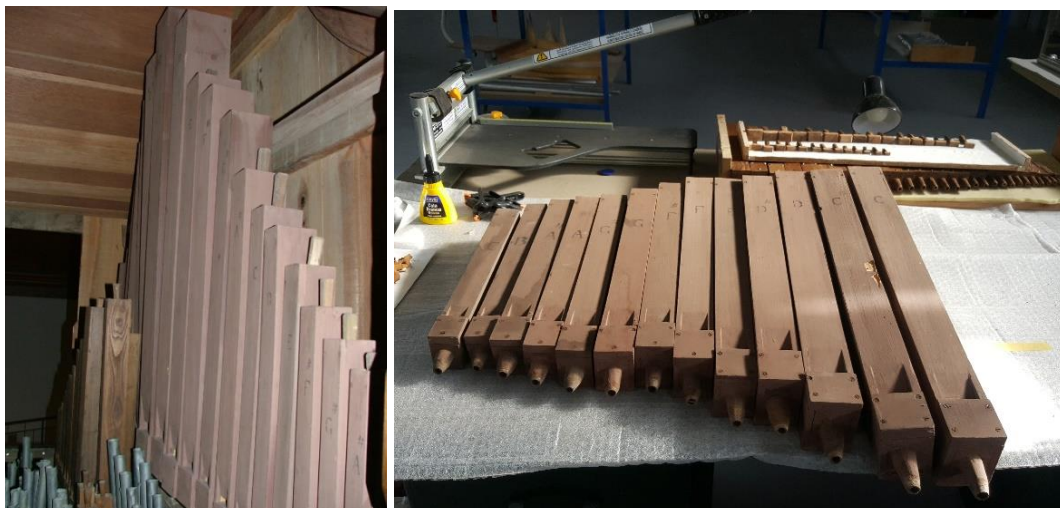


Figura 41 – Tubos correspondentes ao Flautado de 6 tapado antes do restauro, pintados com tinta para soldar os tubos.



Figura 42 – Restauro dos tubos de madeira.



Figura 43 – Restauro dos tubos de madeira.



Figura 44 – Restauro dos tubos de madeira.

2.3.4 – PALHETAS



Figura 45 – Tubos preexistentes correspondentes ao Clarim



Figura 46 – Construção de novos nós para os tubos de palheta.



Figura 47 – Construção de novos afinadores para os tubos de palheta.



Figura 48 – Construção de linguetas e ressoadores para os tubos de palheta.



Figura 49 – Novo registo de Fagote.

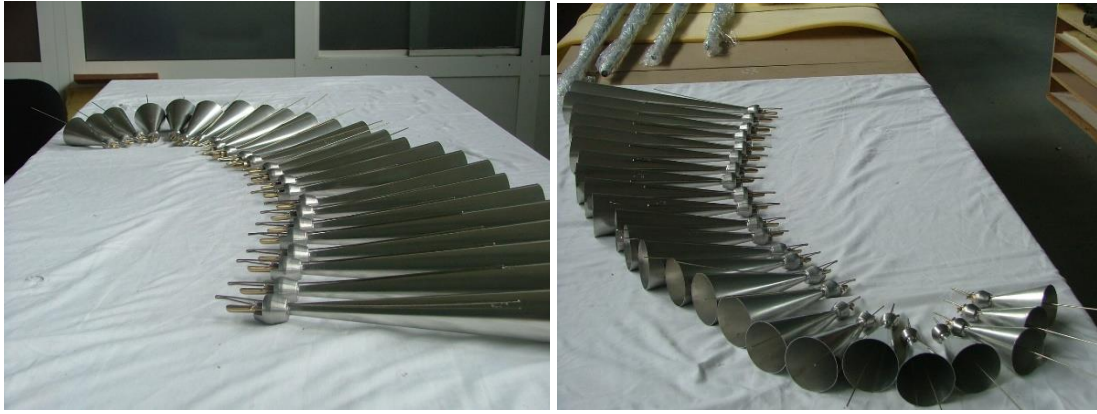


Figura 50 – Novo registo de Clarim.



Figura 51 – Novo registo de Clarim disposto horizontalmente na fachada do instrumento.